



GEORGE W. BUSH: ao atacar o Iraque, o presidente americano provocaria uma desaceleração ainda maior da economia mundial. Além da alta do petróleo, as exportações brasileiras para os países árabes cairiam

Guerra dos EUA, problema no Brasil

Conflito no Oriente Médio reduziria superávit comercial brasileiro e impediria queda dos juros

Eliane Oliveira, Enio Vieira
e Ronaldo D'Ercole

BRASÍLIA e SÃO PAULO

Editoria de Arte

Os efeitos sobre a economia brasileira



PETRÓLEO

Uma provável alta do petróleo obrigaria o governo a reajustar combustíveis, o que pressionaria a inflação



RETRAÇÃO MUNDIAL

Com a economia americana, que é o motor da economia mundial, voltada para o esforço bélico, os investimentos diretos das potências nos países emergentes se reduziram



BALANÇA COMERCIAL

Com a queda da demanda mundial, os preços de produtos exportados pelo Brasil, como soja, minérios e café ficariam reduzidos. Cairiam principalmente com as vendas para o Oriente Médio. Ficaria prejudicado, portanto, o resultado comercial, importante para o equilíbrio das contas públicas



AVERSÃO AO RISCO

A tendência é que os investimentos financeiros de curto prazo saiam do Brasil, o que também pressionaria o dólar



CRÉDITO INTERNACIONAL

Ficaria mais difícil a obtenção de empréstimos externos pelas empresas brasileiras, o que é elemento de pressão sobre o dólar no mercado interno, com desvalorização do real



JUROS

Com o petróleo e o dólar pressionando a inflação, não está descartada a necessidade de aumentar a taxa básica de juros



MAIS AJUSTE

Com o equilíbrio das contas públicas ameaçado, seria preciso um ajuste fiscal (menos gastos e mais receitas) ainda maior que o das metas acertadas com o FMI

avalia que o conflito poderá afetar o fluxo de capitais para o Brasil:

— A tendência de uma guerra é retraindo o fluxo de investimentos. Sem esses recursos, haverá limites para uma redução da taxa de juros brasileira e uma eventual desvalorização do real acima do previsto.

O Banco Central (BC) calcula que o Brasil deva receber US\$ 16,5 bilhões de investimentos diretos este ano e US\$ 17 bilhões em 2003, contra US\$ 22 bilhões em 2001.

Cotação do dólar poderia chegar a R\$ 3,50

• Em relatório divulgado na semana passada, Luiz Paulo Foggetti, analista do banco Fator Dória Atherino, afirma que, com a guerra, o Brasil enfrentaria novo pico de aversão ao risco e a cotação do dólar poderia chegar a R\$ 3,50. A necessidade de continuar atraindo capitais forçaria o BC a manter os juros nos níveis atuais, comprometendo a recuperação da economia. Mas não há, ao menos por enquanto, preocupação com uma possível explosão nos preços do petróleo. Segundo Foggetti, além de os preços acumularem valorização de 52% este ano, na cotação atual do barril, na casa dos US\$ 30, já estaria embutindo um prêmio de US\$ 5 decorrente da ameaça de guerra no Iraque.

Como o país não importa mais petróleo iraquiano, acrescenta, uma eventual parada na produção não afetaria diretamente o abastecimento doméstico. Os contínuos recordes de produção obtidos pela Petrobras também ajudam. O petróleo atualmente responde por 10% do total das importações anuais do país.

— A produção interna de petróleo vem crescendo e isso compensaria eventuais efeitos de alta nos preços do óleo sobre a balança comercial — avalia Danny Rappaport, economista da Consultoria Tendências. ■

COLABOROU GERALDA DOCA

ponto negativo do conflito seria o aumento dos custos das exportações, principalmente as destinadas aos países árabes, devido a um possível fechamento dos portos.

Mais otimista, o diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, acredita que o Brasil poderá ser beneficiado, a curto prazo, com a venda de produtos alimentícios, principalmente frango e carnes bovina e suína, para os países árabes. Compartilha dessa opinião o ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes.

Segundo o ministro, diante da expectativa de um conflito no Oriente Médio, alguns países estão aumentando seus estoques de alimentos. Ele lembrou que isso aconteceu no ano passado, por causa do Afeganistão:

— A guerra não é boa para ninguém, mas poderíamos vender mais carnes, soja e seus

derivados e, eventualmente, algodão. Mas não sei se isso é capaz de neutralizar os efeitos negativos na área de produtos industrializados, que são a principal receita de exportação do país.

Além disso, o Oriente Médio é um mercado em expansão para produtos brasileiros. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as exportações para a região saltaram de US\$ 1,338 bilhão em 2000 para US\$ 2,041 bilhões em 2001, contra importações de US\$ 1,560 bilhão e US\$ 1,472 bilhão, respectivamente. De janeiro a julho deste ano, as vendas brasileiras foram de US\$ 1,110 bilhão e as compras, de US\$ 709 milhões.

O economista e diretor da Sociedade Brasileira de Estudos e Entidades Transnacionais (Sobeet) Antônio Corrêa de Lacerda,

A possibilidade cada vez maior de um conflito no Oriente Médio preocupa os economistas do governo e do setor privado. Se George W. Bush cumprir sua ameaça e atacar o Iraque, o Brasil seria afetado de várias formas. Uma delas seria a alta do preço do petróleo no mercado internacional, que elevaria a inflação e inibiria a queda de juros. A recuperação da economia mundial ficaria ainda mais lenta, provocando a queda da demanda e a redução dos preços de commodities da pauta brasileira de exportações, como soja, minérios e café, prejudicando o superávit comercial do país.

O conflito também pode frustrar os esforços do governo brasileiro para normalizar o fluxo de investimentos e de linhas de crédito internacionais. Há consenso entre os economistas e consultores de que, num cenário de guerra, a aversão ao risco, já alta, deve aumentar entre os investidores e bancos estrangeiros, restringindo ainda mais o acesso do Brasil aos recursos internacionais.

— O pior que pode acontecer para o país é a guerra retardar a recuperação dos fluxos de capital para o Brasil — diz Fábio Akira, economista do banco JP Morgan.

O secretário-adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Roberto Iglesias, diz que a maior preocupação do governo é com o aumento do preço do petróleo, que já vem ocorrendo. Segundo ele, essa alta se refletiria diretamente nos produtos das cadeias química e petroquímica, plástica e de embalagens em geral. Iglesias acredita, porém, que a guerra duraria pouco e teria efeitos localizados.

— Mesmo assim, uma guerra neste momento tornaria mais difícil a recuperação da economia mundial — disse Iglesias.

Fernando Honorato, economista do Banco Bilbao Viscaya, alerta para a queda dos preços das commodities. Ele acrescentou que outro